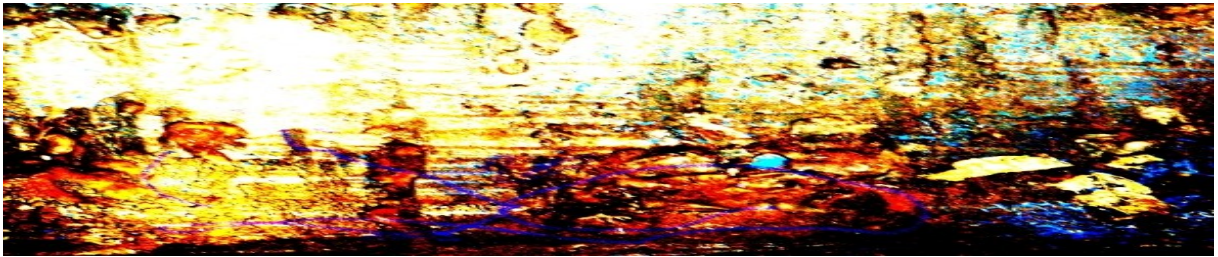


MEMÓRIAS PESSOAIS DE UM DESENCONTRO EM 2000

Regina Coeli Machado e Silva¹

Um congresso internacional sobre variados temas da cultura do continente americano pode também ser uma oportunidade singular para perceber um interessante jogo de cruzamentos entre olhares recíprocos, resultante do descentramento da nossa própria humanidade perante a humanidade “presumida” do outro. Mesmo que essa oportunidade tenha sido muitíssimo breve e superficial, pretendo mostrar esse confronto de alteridades múltiplas como participante de um congresso que celebrou, justamente, esse confronto: o XXII Convegno Internazionale di Americanista, realizado em Perúgia/Itália nos dias 5, 6 e 7 de maio de 2000.

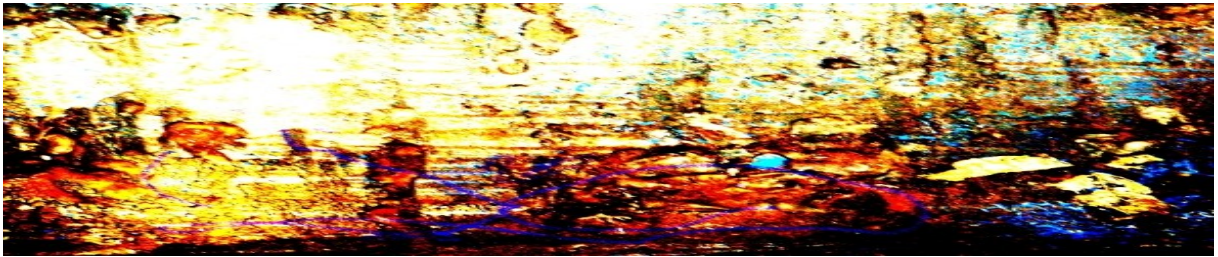
O Congresso foi organizado pelo Centro Studi Americanistici “Circolo Amerindiano” em colaboração com a Universidade de Perúgia e da Azienda Turística de Perúgia, além do apoio de algumas embaixadas dos países presentes no Congresso. Além de nós, brasileiros, havia pesquisadores de várias regiões da Itália, do México, do Canadá e da França e dos EUA. Tinha como um dos temas mais importantes o Prospectivo sobre o Brasil nos 500 anos de “descoberta” portuguesa – razão da minha presença lá, apresentando resultados da minha pesquisa sobre a construção de Tiradentes como um mito da liberdade no Brasil, no final do Império Brasileiro. As seções do Congresso centradas no tema – a “descoberta” portuguesa – foram subdivididas em duas: uma de temas étnicos e religiosos ligados a diversos problemas indígenas e afro-brasileiros e, a outra, sobre a liberdade, o esforço de construção da democracia e da justiça social, temas abordados tanto sob o prisma da história passada do País, quanto dos problemas sociais que nos afligem atualmente. Tal organização reencenava o debate das comemorações dos 500 anos,



oficiais e não oficiais, polarizado na construção da nacionalidade do País como um Estado Nação moderno e como um país marcado pela diversidade, com grandes promessas para o futuro. Afinal, diante da Europa, e de nós próprios, somos não somente uma nação jovem, mas marcada por contrastes dilacerantes, que vão das discriminações raciais às profundas desigualdades sócio-econômicas. As outras seções do Congresso compunham um grande painel composto por diferentes objetos de estudo antropológicos, ligados às minorias étnicas e abordando problemas relativos à arqueologia, religião, rituais e tabus alimentares.

Uma dos fenômenos interessantes que observei no Congresso, que gerou o (des) encontro, sendo eu, ao mesmo tempo, nativa – portanto parte dos temas objetos do Congresso – e interlocutora – é que essas relações de alteridade acompanhavam e restituíam o que constituiu a própria gênese da reflexão antropológica à época da descoberta do Novo Mundo . Centrada no confronto visual com a alteridade, a pergunta era se aqueles que acabavam de serem “descobertos” pertenciam à humanidade. Evidentemente que os problemas colocados nessa época foram modificados sobretudo depois do século XVIII, mas as concepções contrastantes que essa descoberta gerou ainda permanecem. Ela mantém viva uma polêmica que oscila em dois pontos extremos frente ao outro, estranho e exótico: a recusa da alteridade, cujo suposição é a idéia que se faz de si e de sua sociedade - que aparece na condescendência indulgente na proteção paternalista do outro, ou na sua exclusão – e a fascinação – que impõe uma necessidade de justificação da diferença e uma crítica de si mesmo.

Esses extremos, como se sabe, rapidamente se convertem um no outro e, naquela época, em 2000, em plena era da ampliação da idéia de vivemos em um mundo multicultural, são recolocados de forma mais embaralhada. Assim, o que observei como participante do Congresso, foi que o desejo de ultrapassar o simples gosto pelo exotismo e, portanto, a irredutibilidade das culturas, ainda era filtrado



por um olhar que vê a si mesmo através do outro. Isto é, enquanto nós, brasileiros, falávamos das dificuldades do País em inserir-se no projeto de modernidade e nas conquistas da “nossa civilização”, realizando, de certa forma, o sonho da Europa – como dizia Otávio Paz, antes de ter existência histórica própria, começamos por ser uma idéia européia - nossos colegas europeus só tinham olhos para inúmeras fotografias de jornais brasileiros, sobre os confrontos durante as comemorações dos 500 anos, entre policiais e manifestantes na estrada entre Porto Seguro e Santa Cruz de Cabrália. Elas foram reproduzidas e afixadas na hall de entrada da pomposa sala de conferências, especialmente uma delas, que captura um momento dramático do confronto, em que um indígena, de uma das tribos inconformadas com o etnocentrismo da Nação brasileira, manteve-se sozinho frente à barreira de policiais, atitude extrema visando interromper a repressão dos policiais aos protestos. Tudo isto mostrava que a construção da Nação não é algo simples, mas foi a condescendência indulgente que predominou, porque marcada por uma falta - eles não são como nós - visível sob a forma de uma denúncia militante, feita por meio das fotos, de que o Brasil ainda era constituído por povos que necessitavam da “proteção” civilizatória dos europeus. Fragmentos da história e da memória do país, como os importantes processos migratórios, o processo de racionalização econômica e de modernização política foram ouvidos como sons de um pedal surdo. Ali, a parte do sonho europeu que somos nós foi desdobrada: além da futura civilização ainda por fazer, proteger e tutelar, alimentando um fascínio autocentrado, o enrijecimento das categorias de classificação resultantes desse sonho, objetos do Congresso Americanístico: o americanismo, ao lado do africanismo e do orientalismo, demarcando claramente não-europeus. Encontros e desencontros de experiências sonhadas e vividas.

¹ Regina Coeli Machado e Silva é professora do programa de pós graduação em linguagem e sociedade – UNIOESTE. coeli.machado@yahoo.com.br